

# O SEGREDO DA ATIVIDADE CORRETA<sup>1</sup>

Swami Paramananda<sup>2</sup>

## SUMÁRIO

- I. SEGREDO DA AÇÃO CORRETA
- II. A RELIGIÃO DO TRABALHO
- III. DEVER E SERVIÇO
- IV. PENSAMENTO CORRETO E O VIVER CORRETO
- V. O VALOR DO DESAPEGO
- VI. TRABALHO E RENÚNCIA
- VII. ESPÍRITO DE CONSAGRAÇÃO

## I. SEGREDO DA AÇÃO CORRETA

*A retidão é a conformidade das ações com o que é correto. Em todas as coisas, o sucesso depende da preparação prévia; sem tal preparação, há fracasso.*

– Confúcio.

*Não desperdice sua vida em dúvidas e medos; gaste no trabalho diante de você, bem seguro de que o desempenho correto dos deveres desta hora será a preparação para as horas ou eras que virão.*

– Benjamin Franklin.

O segredo da ação correta, na realidade, não é um segredo. Ele não reside em nenhuma fórmula que repetimos. Não há mágica por meio da qual possamos seguir o caminho da ociosidade e, ainda assim, tornar nossa vida produtiva. Não! O segredo reside em nossos próprios motivos, em

---

<sup>1</sup> Tradução do texto do livro “*Secret of the Right Activity*”, publicado pelo Sri Ramakrishna Math, Madras, Índia, primeira edição indiana, 1982.

<sup>2</sup> Swami Paramananda (1884-1940), foi iniciado por Swami Vivekananda e treinado pelo grande disciplinador Swami Ramakrishnananda no Mosteiro de Madras. Trabalhou incansavelmente por mais de um quarto de século para espalhar a fragrância espiritual de Sri Ramakrishna e da Vedanta na América do Norte e no Ocidente. Ele foi um dos pioneiros neste campo. Ele estabeleceu o *Centro de Vedanta de Boston* e o *Ananda Ashrama* em La Crescenta, Califórnia. Inspirou milhares de homens e mulheres por sua atrativa personalidade, poderosas palestras e escritos sublimes. Escreveu aproximadamente quarenta livros, muitos deles como “*Path of Devotion*” e “*Book of Daily Thoughts and Prayers*” foram traduzidos para vários idiomas.

nosso poder de aplicação. Não é o veículo físico forte que torna o ser humano produtivo; é a habilidade na ação, saber como nos ajustarmos rapidamente, como realizar uma tarefa com o menor gasto de energia. É isso que traz o sucesso imediato.

Há algumas pessoas que falam pouco e realizam muito, enquanto outras falam muito e não realizam nada. Embora um homem possa falar muito fluentemente sobre religião, sobre os grandes ideais de amor, serviço e fraternidade, isso não o torna religioso. Mas se ele for “um praticante da lei”, como Cristo disse, mesmo que em pequena medida; se ele souber como dirigir sua vida e suas forças, ele não apenas será religioso, será um ser humano melhor e mais forte, e sua influência alcançará outros. É isso que eu chamo de religião prática – uma religião produtiva de bem, de homens e mulheres de um tipo inspirador; não a religião mórbida que apenas se apega ao dogma. Não isso!

Um dos estudos mais interessantes na vida é observar como nosso falso conceito pode distorcer até mesmo um exemplo santo, de modo que ele não guarde mais semelhança com a ideia original. Por exemplo, o homem médio olha para o mundo da religião como algo totalmente à parte da vida ativa. Ele pensa que, para se tornar religioso, deve abandonar as atividades mundanas e assumir uma atitude lúgubre e arrependida. Esta não é uma concepção verdadeira de religião. De que servirá o ideal mais elevado para nós ou para nossos semelhantes, se não o vivermos e o trouxermos à realização? A menos que ele nos dê algo definido e dinâmico, poderia muito bem não existir para nós. Todo o propósito da religião e da filosofia é nos dar aquilo que é inspirador, elevado e construtivo. Meramente ir à igreja ou professar um credo, seja ele o Cristianismo ou o Budhismo ou qualquer ‘ismo’, não é religião ativa. Não é religião prática. É uma zombaria. É uma degradação para a alma do indivíduo e para a alma da raça. Só pode produzir hipócritas e fanáticos.

A verdadeira religião nós a levamos para nossas atividades externas; nós a tornamos viva, alerta, produtiva. Se uma pessoa não faz nada e não dá nada para o benefício de seus semelhantes, como sabemos que ela é religiosa? Apenas defender uma teoria não tem valor. Se temos altos ideais, devemos expressá-los em nossas vidas. Este problema confronta todos nós. Sejam leigos ou da vida religiosa, isso não faz diferença alguma. Somos almas vivas em contato com outras almas vivas; temos que ser ativos. Estes são os ideais do *Karma Yoga*, o grande sistema indiano da ação correta. Ele proclama que a religião não é apenas para o homem que está inativo. Pelo contrário, sustenta que o homem que é ativo e enérgico, que está constantemente fazendo algo no mundo, tem tanto direito de entrar no reino dos céus quanto o eremita sem deveres e sem obrigações. Ele presta grande tributo às pessoas que vivem no mundo e mantêm seu ideal intacto. Eles são os heróis.

Não há ninguém que possa afirmar que não precisa participar da vida ativa. Se passamos nossos dias em casa ou saímos diariamente, devemos estar fazendo algo para nossa autopreservação. Um homem que não faz nada, sua mente e seu veículo físico se deterioram rapidamente. Ele se torna morto, embora leve uma existência. Aquele que está tão convencido de seus próprios princípios a ponto de ser indiferente ao que os outros dizem, e que está disposto a se entregar à sua tarefa, esse homem realizará seu propósito. Grandes artistas sabem disso, também os cientistas, embora talvez inconscientemente. Eles mergulham em seu trabalho.

Há momentos em que nos esquecemos de nosso ambiente, esquecemos tudo, exceto a única coisa que estamos fazendo, e esses são os momentos supremos de nossa vida. Eles tornam possível para nós alcançar o sucesso. Como a pessoa comum trabalha? Ela trabalha com uma sensação de peso e labuta ou então com intensidade febril. Ambos o quebrarão. Aquele que trabalha com indiferença, como pode realizar algo? Seu coração não está nisso. Sua mente, sua alma, suas energias estão todas divididas. Se nosso coração não está em nossa tarefa, nos assemelharemos a trabalhadores que não têm interesse real no que estão fazendo; eles apenas fingem. Se quebram as coisas, não ligam; querem apenas seu salário. Tal trabalho nunca pode trazer satisfação para nós ou para ninguém e não aprendemos nada com ele. Quando o objetivo é baixo, ele só pode produzir algo muito pequeno e insatisfatório.

Por outro lado, uma pessoa que é impulsionada pela febre de um motivo egoísta, que trabalha com excitação nervosa, quanto tempo durará? Mais cedo ou mais tarde ele quebrará sua máquina.

O que precisamos é do espírito de compreensão, do elemento amor. Com isso quero dizer que devemos aprender a amar a tarefa que estamos realizando. Qualquer máquina que não receba lubrificação suficiente quebrará muito rapidamente, e é o elemento de compreensão, de amor, que mantém nossa máquina humana bem lubrificada. Ninguém pode fazer seu trabalho corretamente a menos que tenha sentimento. Uma pessoa com atitude fria e insensível pode tentar cumprir seu dever, mas não será realmente produtiva. Muitas organizações de caridade são assim. São excelentes instituições, mas parecem intocadas pelo sentimento humano. Não se pretende que seres humanos destruam a parte mais sutil de sua vida e se tornem como máquinas. Podemos dirigir uma máquina, podemos usá-la, mas devemos ter inteligência e sentimento em abundância. Não é uma tarefa árdua colocar essas ideias e ideais em prática. O que fazemos agora com uma mente pequena e egoísta, podemos fazer da mesma forma com um motivo idealista. Isso nos renovará. Em vez de nos sentirmos esmagados e quebrados por nosso trabalho, seremos cheios de energia, teremos maior inspiração.

Falamos de mestres artistas, músicos e cientistas; como, através da concentração e do amor unidirecional por sua arte, eles atingem seu ideal. Uma pessoa comum, ao empreender qualquer coisa, começa imediatamente a pensar no dinheiro que vai ganhar com isso, ou em algum outro retorno. É evidente que ela não pode preencher sua mente com esses cálculos e não enfraquecê-la para a tarefa em mãos. A lógica é clara. Em vez de fazer seu trabalho com a totalidade de seu ser, ele está se dividindo em muitas partes; está pensando nas coisas não-essenciais. Naturalmente, seu retorno será pequeno. Ele dissipou suas forças, desperdiçando assim seu tempo. O trabalho feito dessa forma, de mau grado, com a mente distraída, deve ser mal feito e muitas vezes precisa ser refeito. Trabalhadores pobres produzem esse tipo de trabalho, ou às vezes pessoas astutas que pensam que passará despercebido. Mas há outras mais astutas e elas descobrem. Isso não significa apenas trabalho perdido, mas tem um efeito muito desmoralizante sobre o trabalhador.

Ação e reação estão constantemente ocorrendo neste mundo. Ninguém pode escapar delas. Podemos declarar que teremos em nossa vida apenas felicidade e beleza, que teremos riquezas e não pobreza. Mas os pares de opostos estão sempre brincando de um lado para o outro. Não podemos ter felicidade sem infelicidade. Não podemos ter luz sem escuridão. Qual é o remédio? É dado no Gita: "Tens direito apenas ao trabalho, mas nunca aos seus frutos." O homem que é escravo de suas paixões, que está preso a pequenas ideias de ganho e perda, deve sofrer com a reação.

Suponha que planejemos e esquematizemos e então algo dê errado? Não apenas perdemos aquilo que colocamos nosso coração, mas não temos mais a vontade ou a inclinação para tentar novamente. O homem de mente perspicaz, no entanto, que entende o segredo e não está apegado aos resultados, eleva-se acima do fracasso. Ele fará melhor na próxima vez e ainda melhor, até finalmente ter sucesso. Ele não dá seu pensamento ao fruto de seu esforço. O fruto [resultado] virá quando formos merecedores dele, e nos tornamos merecedores aprendendo a lançar todo o nosso ser em nossos atos. É isso que nos torna dinâmicos. Deixe o fruto por enquanto. Não tenha medo de que outra pessoa o leve de você. Ninguém pode. O que é sua herança legítima será seu.

Se é um fato que você não quer perder nada, física, mental, moral ou espiritualmente, então não jogue o jogo da perda. Nunca pense que algo é pequeno demais para fazer. Os verdadeiramente grandes não diferenciam entre grandes tarefas e pequenas. Sua agudeza, seu poder de apreciação, seu desejo de fazer bem o que fazem, faz com que se esqueçam de que uma tarefa é pequena. Este é o verdadeiro sinal de grandeza. Homens de visão, homens de gênio, nunca sentem que qualquer trabalho está abaixo deles. Não há nada abaixo de nós e nada além de nós. Essa deve ser nossa atitude.

Ao realizar pequenas tarefas de todo o coração, com concentração e habilidade, evoluímos dentro de nós mesmos um poder que nos capacitará mais tarde a realizar alguma grande tarefa que agora parece uma montanha, inacessível e inalcançável. Ela derreterá diante de nós quando soubermos o segredo, e esse poder de devoção sincera é o segredo. É um dom, uma inspiração, sutil e silenciosa. Não podemos forçá-la sobre outra mente. Cada alma deve evoluí-la. Aquilo que evoluímos dentro de nós satura toda a nossa vida. Podemos não ser considerados religiosos por nossa comunidade, mas isso não faz diferença. Carregamos uma influência sustentadora. Quando surge uma emergência, sabemos como nos ajustar rapidamente. Possuímos o poder de fazer nosso trabalho, não importa qual seja sua natureza, e sair imaculados.

Não imagine, portanto, que religião significa retirar-se do mundo. Essa ideia trouxe corrupção entre as grandes escolas de filosofia e religião no tempo antigo. Os discípulos começaram a pensar que a vida religiosa significava simplesmente retirar-se e meditar. Meditação — a verdadeira meditação — é uma coisa muito ativa. Significa primeiro ver claramente, depois colocar em prática o que vemos. O amor é um ideal abstrato se o colocarmos de lado, mas o ato de serviço amoroso, preenchendo o coração com amor e expressando-o através de nossa vida, traz um retorno dinâmico. Pense que benefício tremendo seria para o mundo, se todos os homens que acreditassem em Cristo e Sua mensagem de amor praticassem esse amor, mesmo que em pequena medida. Que coisa poderosa seria se os quinhentos milhões de pessoas que professam o Budhismo seguissem o exemplo maravilhoso de seu compassivo mestre Gautama Buddha e praticassem o não-matar — não apenas abstendo-se de consumir alimento animal, mas nunca prejudicando outro com um pensamento de ódio, praticando realmente a não-injúria em pensamento, palavra e ação. Que atmosfera seria criada neste mundo! E é isso que o mundo precisa hoje.

A superioridade de qualquer religião ou filosofia reside em sua vida prática e não em suas teorias ou dogmas. As religiões não são altas ou baixas por causa disso. Cada religião tem um pináculo supremo, mas é quando tocamos a vida prática que trazemos à realização tudo o que esses grandes ideais representam. Prosseguimos com um senso de consagração, um senso de dever superior. A natureza de nosso trabalho não importa. Não é o alto cargo que enobrece um homem, mas seu motivo. Não precisamos nos gabar por causa de qualquer posição que ocupamos, ou nos sentirmos degradados por falta de oportunidades. As oportunidades virão quando tivermos provado nossa aptidão. Essa é a lei da compensação.

Há uma parábola indiana de um homem rico que empregou dois servos, um, falador, inteligente e convincente; o outro, não tão hábil com palavras, mas trabalhador, sempre ocupado no pomar. Um dia o homem

rico veio visitar o jardim. O servo inteligente e astuto começou a elogiar a pessoa de seu mestre, bajulando-o, dizendo-lhe quão belas eram suas mãos e rosto e tudo o que pertencia à sua personalidade. O outro servo nada disse; foi e colheu todos os frutos e flores que havia produzido através de seu trabalho silencioso e os colocou diante de seu mestre. Com qual deles você supõe que o mestre ficou satisfeito?

Não é o falador, o tipo de ser humano barulhento e agressivo quem produz mais ou quem traz a maior quantidade de bênçãos. É o trabalhador quieto e concentrado. Embora não peça nada, ele recebe tudo. Se nos importamos ou não com o fruto, ele virá até nós quando o merecermos. Carreguemos isso em nossa mente, em nossa consciência. Isso nos enobrecerá; curará nossas feridas quando estivermos decepcionados. Fomos colocados aqui por uma mão divina. Desconectar-nos disso, sentir e pensar que estamos isolados e desprotegidos, existindo apenas para nossa própria autogratificação, é a maior tragédia que pode nos acontecer. Restaurar-nos àquele Uno é livrar a alma dos desejos egoístas.

Tenhamos um grande ideal, um ideal que nos assuste com sua grandeza. Esse é o único tipo de ideal a manter diante do olho de nossa mente e pelo qual trabalhar. Pouco a pouco nossas imperfeições e dificuldades desaparecerão e, em vez de encarar a vida como uma labuta, em vez de nos encolhermos diante dela, abençoaremos esta vida que oferece tantas oportunidades. Encontraremos alegria até nas pequenas tarefas diárias e onde quer que sejamos colocados, conheceremos a felicidade.

## II. A RELIGIÃO DO TRABALHO

*Se pelo estudo, investigação ou pensamento, aprendemos a verdade, devemos então colocá-la em prática tanto em nossa fala quanto em nossa ação. Que o que dizemos seja verdade e o que fazemos seja discreto. Regulemos as emoções e suprimamos a raiva e os desejos egoístas. Sacudamos o mal e apeguemo-nos ao bem. Descobrimo nossas faltas, não hesitemos em corrigi-las. Para com os outros, sejamos atenciosos. Tudo isso é o caminho da ação verdadeira... Sem colocar em prática o que aprendemos, isso não produz fruto.*

– Kaibara Ekken, Sábio Japonês.

*A retidão só pode ser praticada quando libertamos nossa mente das paixões do egoísmo. A paz perfeita só pode habitar onde toda a vaidade desapareceu.*

– Buddha.

A VERDADEIRA religião nos ensina a fazer bem tudo o que empreendemos, para que possamos provar a nós mesmos, servos dignos do Senhor, fiéis em nossa posição atual antes de sermos promovidos para algo maior. Os maiores videntes da Verdade que o mundo já produziu foram homens de atividade maravilhosa. Eram igualmente poderosos e eficientes em todos os planos. A diferença entre o homem espiritualmente desperto e o tipo comum de trabalhador reside, não na quantidade de sua atividade, mas em sua qualidade e motivo. O homem espiritual trabalha com compreensão e habilidade, portanto realiza mais com menor esforço; enquanto o trabalhador comum desperdiça muita de sua energia por ignorância das leis superiores. Em ambos os casos, encontramos a mesma manifestação de atividade. O homem comum, no entanto, por ser muito limitado e centrado em si mesmo para compreender algo de longo alcance, trabalha por pequenos fins e colhe pequenos resultados; enquanto o homem de mentalidade espiritual, cujo trabalho está livre de todo motivo ulterior, trabalha por grandes fins e alcança resultados duradouros.

Mas existe alguma diferença na natureza do trabalho? Existe algum tipo de atividade que seja absolutamente livre do mal? Não; não há trabalho que seja absolutamente bom ou absolutamente mau. É nosso motivo no trabalho que determina seu valor. Sabemos que existe dentro de nós uma energia represada que está constantemente encontrando sua saída através de pensamentos, palavras e ações. Podemos usar essa energia para nossa melhor felicidade e elevação; ou podemos usá-la mal e causar nossa própria ruína. Ela pode se manifestar na forma de raiva ou ódio, o que trará resultados desastrosos; também pode se manifestar na forma de bondade, amor altruísta, caridade e serviço. É a mesma energia se expressando de maneiras diferentes de acordo com nossa tendência.

Aquele que cai ou se degrada, permitiu que sua força o arrastasse para baixo; e através do uso adequado dela, o mesmo homem tem o poder de se elevar. Portanto, os sábios nos ensinam a nunca condenar ou olhar de cima para ninguém, mas sempre a falar palavras de encorajamento e mostrar o caminho pelo qual outros podem descobrir o segredo da atividade correta e se elevar. Uma vez que, por nossa natureza, devemos estar todos constantemente ativos, o que precisamos é aprender a direcionar nossas forças através de canais corretos e evitar reações dolorosas.

O objetivo do *Karma Yoga* é nos ensinar como, com o menor gasto de esforço, podemos realizar mais. Agora, qual deve ser a natureza de nosso trabalho quando seguimos este caminho? Muitas vezes, os mestres religiosos nos dizem que, para sermos espirituais, devemos nos tornar contemplativos; mas somos honestos quando dizemos que não temos tempo para gastar dessa forma; então desistimos de toda esperança e

esforço religioso, porque esses mestres são incapazes de nos oferecer algo mais que seja tão útil quanto a contemplação. Compreendendo isso, os antigos *Aryans* não prescreveram apenas um método particular de treinamento religioso. Eles desenvolveram métodos diferentes adequados às condições e temperamentos variados de diferentes indivíduos. Dessa forma, ninguém precisa ir contra sua natureza. Esses caminhos são quatro em número, com numerosas subdivisões, que proveem todas as fases do desenvolvimento humano e dão a cada um uma oportunidade igual de realizar a verdade. São eles: o caminho do trabalho, o caminho da devoção, o caminho do autocontrole e o caminho da filosofia ou sabedoria.

O primeiro caminho, *Karma Yoga*, pode ser chamado de religião do trabalho. Destina-se particularmente a homens e mulheres na vida ativa. Para segui-lo, não é necessário acreditar em nenhum credo religioso. Há trabalhadores que nem sequer acreditam em um Deus pessoal, mas trabalham de forma altruísta e seu Deus é o Deus do serviço. O que quer que façam, ali habita Deus. Em seu escritório, em sua casa, em todas as suas atividades, eles carregam consigo o ideal de serviço. E este é um dos grandes métodos ensinados pelos Videntes, e um que, entre os antigos *Aryans*, era praticado pelos homens mais ocupados que podemos imaginar – por reis e imperadores, soldados e artesãos. Eles seguiram este caminho e alcançaram o mesmo desenvolvimento que aqueles que escolheram a vida contemplativa ou o caminho da renúncia.

Devemos todos trabalhar incessantemente. O que precisamos é do motivo correto. Podemos trabalhar de uma maneira que nos trará as mais escolhidas bênçãos, e também o mesmo trabalho, feito com um espírito diferente, nos trará escravidão. O segredo principal é aprender a trabalhar sem apego. Trabalhe como um mestre e não como um escravo. Trabalho pelo trabalho em si; amor pelo amor em si. Temos a noção de que, a menos que sejamos ambiciosos e desejosos dos frutos de nosso trabalho, não realizaremos nada; ou que, a menos que tenhamos um forte apego por uma pessoa, não podemos fazer tão bem por essa pessoa. Mas isso não é verdade. Apego não é amor. O apego nos faz exigir, enquanto o amor desenvolve a capacidade de dar. Se amamos verdadeiramente a arte de nosso trabalho, estaremos mais interessados em quão bem podemos fazê-lo do que em quanto vamos ganhar com ele. Além disso, se temos verdadeiro amor por alguém, estaremos mais preocupados com sua alegria e bênção do que com nossa própria gratificação. Quando estamos meramente apegados aos frutos de nosso trabalho e não obtemos o resultado que desejamos, ficamos desencorajados e desistimos facilmente; mas quando trabalhamos por amor ao trabalho em si, não importa quantas vezes falhemos em obter o resultado desejado, continuamos. Essa preocupação constante com ganho e perda dificulta nossa ação livre e impede nosso progresso espiritual.

“Temos direito ao trabalho, não aos seus frutos”, este é o lema de todos os verdadeiros trabalhadores. Quantas vezes entendemos mal este supremo ensinamento do *Bhagavad Gita*, pensando ser impossível trabalhar sem colocar nosso coração no resultado. Mas isso não significa que tenhamos que perder todas as bênçãos que ganhamos; apenas nos ensina como podemos evitar reações desagradáveis. Toda ação deve ser seguida por uma reação, assim como toda causa é seguida por um efeito. Como um pequeno barco no alto mar, assim subimos e descemos com cada onda de ação e reação, desde que trabalhemos com apego. Todo nosso prazer e dor, sorrisos e lágrimas, são inteiramente as reações de nossas próprias ações. Não importa quanto possamos desejar ter apenas as reações que dão prazer, é impossível obter uma sem a outra. Reconhecendo este fato, os homens sábios tentam elevar-se acima deste plano mutável de dualidade e trabalhar independentemente, sem considerar os resultados que possam vir. Isso traz tranquilidade e firmeza no trabalho.

Grandes Almas, como Jesus, o Cristo, Buddha e outras Manifestações divinas, provaram isso. O trabalho pelo trabalho em si foi o princípio principal em seu caráter e em sua vida. Eles trabalharam sem buscar ganho pessoal ou resultados tangíveis imediatos. Quão poucos os acolheram quando trouxeram a mensagem da Verdade! Quanto antagonismo encontraram! E ainda assim continuaram firmes, porque fizeram tudo por amor, sem nenhum motivo ulterior. Se você está ajudando uma pessoa, não espere que essa pessoa lhe seja grata. Não negocie sempre seu amor. Ninguém pode ser um verdadeiro trabalhador sem amor desinteressado em seu coração. É o óleo que faz a máquina da vida funcionar suavemente; e a menos que tenhamos amor genuíno, sofremos.

Sabemos por nossa própria experiência que, sempre que amamos uma pessoa, não importa quão cansados estejamos, gostamos de fazer por ela com nossas próprias mãos. Não confiamos em nenhum substituto para servir àquele a quem amamos mais verdadeiramente; e nosso serviço nos faz esquecer, por enquanto, que estamos cansados. A constituição física depende em grande parte da mente e a mente depende da força do pensamento; daí, quando nosso pensamento está conectado com algum motivo nobre, ele nos traz renovação. Um colapso nervoso não vem por causa do trabalho que fazemos na vida. Se temos compreensão adequada, não precisamos sofrer de nenhum colapso. É a falta de um ideal, a falta de consagração que nos desgasta; e aqueles que trabalham pensativamente percebem isso gradualmente.

Os *Karma Yogis* ideais, aqueles que seguem o caminho do trabalho, sempre entregam os frutos de seu trabalho a Deus, percebendo-O como o executor; portanto, nunca estão apegados. Quando a reação do sofrimento vem, eles não se identificam com ela; e quando o prazer vem, não são

arrebatados por ele. Se são elogiados, não se tornam egotistas, acreditando que são os executores; nem quando são culpados sucumbem a isso, pensando que são responsáveis. Você pode dizer que isso nos tornará irresponsáveis. Não, não é assim. Isso nos levará ao estado semelhante ao de Cristo, “Não a minha vontade, mas a Tua”; e só quando isso nos traz a essa atitude saberemos como agir. Antes disso, embora possamos estar trabalhando e tentando crescer, simplesmente criamos impedimentos ao longo de nosso caminho por nossos pensamentos e ações.

Enquanto formos altruístas, seremos os ganhadores; mas sempre que trazemos o pensamento do eu, sofremos, porque exigimos. Exigimos da pessoa que amamos; e se não conseguimos o que exigimos, naturalmente sofremos com a reação. Portanto, o caminho do trabalho nos ensina como fazer pelos outros sem pensamento de retorno. É a liberdade de toda dependência na ação que nos traz a verdadeira paz e descanso.

O *Karma Yoga* diz que cada um é grande em seu próprio lugar. Alguém está vivendo a vida de chefe de família. Ele não precisa pensar que é inferior àquele que leva a vida de renúncia. Todos nós criamos, todos nós temos uma parte igual neste universo; portanto, nunca devemos ter a atitude de que algum lugar ou tarefa na vida é inferior; também não devemos pensar que Deus não pode ser alcançado vivendo no mundo e cumprindo nossos deveres lá. Pelo contrário, o verdadeiro cumprimento do dever nos trará grandes resultados espirituais.

Assim, vemos que os diferentes caminhos que os homens seguem, de acordo com sua convicção, todos levam ao mesmo objetivo final da Verdade. Uma ilustração muito bonita é dada em uma de nossas Escrituras para mostrar que, não importa onde um homem esteja colocado, ele pode se tornar religioso e obter inspiração através do cumprimento fiel de seus deveres.

Havia uma vez um monge que vivia a vida de contemplação. Depois de vários anos de prática, ele estava sentado sob uma árvore um dia, quando foi perturbado pela queda de algumas folhas em sua cabeça e descobriu que dois pássaros, brigando, as haviam feito cair. Isso o irritou tanto que um clarão de luz veio de seus olhos e destruiu os pássaros. Podemos sempre desenvolver o chamado poder milagroso se vivermos uma vida estável, e o monge havia ganho esse poder através de sua prática de austeridade. Vendo o que era capaz de fazer, ele ficou convencido e pensou ter atingido o mais elevado.

Ele foi a uma aldeia vizinha pedir esmolas, batendo na porta de um chefe de família. A senhora da casa estava cuidando de seu marido doente e não pôde vir de imediato, então pediu que ele esperasse. O monge, lembrando dos pássaros, pensou com irritação: “Como ela ousa me fazer esperar?” A mulher respondeu imediatamente: “Aqui não há nem corvo nem garça.” Surpreso, ele perguntou a ela: “Como você soube dos meus

pensamentos?” Ela disse: “Meu filho, eu nunca pratiquei nenhum Yoga. Meramente pelo cumprimento fiel de meus deveres ganhei esta visão clara.” O asceta então se curvou diante dela e implorou para ser ensinado; mas a senhora disse a ele para ir a um açougueiro que vivia em uma certa aldeia e que lhe explicaria mais sobre a Verdade.

Ele encontrou o açougueiro ocupado em seu trabalho de cortar e vender carne. Depois de atender a todos os seus deveres — fechando sua banca, lavando e alimentando seus pais idosos — ele veio até o asceta e perguntou que serviço poderia prestar a ele. O asceta então fez a ele muitas perguntas sobre a alma, sua relação com Deus e outros problemas difíceis, aos quais o açougueiro respondeu de maneira simples; e as palavras iluminadas que ele falou são conhecidas como o *Vyadha-Gita* ou “A Canção do Açougueiro”. Depois de ouvi-lo, o asceta perguntou: “Por que, com toda essa sabedoria maravilhosa, você segue em um comércio tão impuro?” Ele respondeu: “Meu filho, não há nada impuro na vida. Nenhum dever é impuro ou baixo. Tudo depende de nossa própria atitude mental. O Senhor me colocou nesta posição, eu tentei cumprir meu dever fielmente e sem apego, e tudo o que ganhei veio através disso.”

Para um verdadeiro trabalhador, não há nada profano, não há nada mesquinho ou baixo. Seja qual for seu trabalho, ele pode trazer as mais procuradas bênçãos através dele, se tiver o espírito correto; e isso é o que temos que aprender. Devemos aprender a viver no mundo, como ensina Sri Krishna no *Bhagavad Gita*, como uma folha de lótus, que cresce na água, mas nunca é molhada pela água. O universo inteiro está diante de nós. Ele cria escravidão para aqueles que não sabem como usá-lo; mas dá liberdade, paz e bênção para aqueles que sabem como. Os grandes *Karma Yogis* nos dizem: Vivam livremente neste mundo. Somos filhos de Deus. Tudo é dado por Ele. Não se apegue a coisas materiais. Tenha uma visão ampla da vida. Não se apegue a coisas que não são essenciais. Realize todo o trabalho para a purificação de sua alma; não com a ideia de ganhar um salário, mas com algum motivo realmente nobre.

Nós, descendentes diretos do Todo-Poderoso, não devemos desperdiçar nossa energia em fins egoístas mesquinhos, mas devemos aprender a trabalhar sem motivo ulterior. O trabalho sempre dá fruto. O trabalho sempre cria. Ele pode criar liberdade ou pode criar escravidão. Ambos os caminhos estão abertos diante de nós — o caminho que causa sofrimento e o caminho que leva à felicidade e paz eternas. Almas verdadeiras e sinceras continuam a trabalhar, mas seu trabalho as liberta de toda escravidão.

*Nossas ações não são nada além da manifestação de nossos pensamentos e, portanto, devemos aprender a pensar corretamente. Se nossos pensamentos são espirituais, então nosso trabalho necessariamente estará em tal harmonia com a lei universal que nunca poderemos fazer nada prejudicial a nós*

mesmos ou aos outros. Aqueles que trabalham constantemente com esse espírito, sabendo que são instrumentos nas mãos de Deus, chegam tão perto Dele que nunca podem se desviar. Onde quer que sejamos colocados, não nos separemos da Fonte superior. Não pensemos que somos mortais pequenos. Não pensemos que não temos trabalho a fazer no mundo. Antes, acreditemos que temos um grande trabalho, porque somos filhos de Deus. Todos temos uma missão distinta na vida e devemos cumprir essa missão através da compreensão adequada e da ação correta.

Assim, a religião do trabalho ou Karma Yoga nos ensina como podemos consagrar cada pedaço de nossa atividade ao Supremo; como podemos cumprir nosso dever com liberdade e amor, evitando a atitude mendicante de esperar retorno ou reconhecimento. Quando a compreensão correta da lei amanhece em nosso coração, então até as formas mais humildes de atividade podem se tornar atos de adoração e levar ao mais alto alcance espiritual. Como o Senhor declara no *Bhagavad-Gita*: “Aquele que trabalha apenas para Mim, Me tem como sua meta mais elevada, que é devotado a Mim, que está livre do apego e não guarda inimizade contra nenhuma criatura, tal pessoa alcança a Mim.”

### III. DEVER E SERVIÇO

*O caminho do dever reside no que está próximo, e os homens o buscam no que está distante. A obra do dever reside no que é fácil, e os homens a buscam no que é difícil.*

– Mencius.

*Quando deres um jantar, não chames os teus amigos, nem os teus irmãos, nem os teus parentes, nem os vizinhos ricos, para que também eles te convidem e te recompensem. Mas quando deres um banquete, chama os pobres, os aleijados, os coxos, os cegos, e serás bem-aventurado.*

– Jesus, o Cristo.

EXISTE algum padrão comum de dever? Ao estudar as leis éticas de vários povos, somos levados a acreditar que não pode haver nenhum padrão objetivo universal; mas há um princípio subjetivo que está por trás dos códigos morais de todas as nações. A forma externa do dever muda de acordo com nossa posição na vida. Ela nunca pode, portanto, ser definida por nenhum conjunto fixo de regras. Aquilo que poderia ser um dever em uma condição não o seria sob outras circunstâncias. Todo dever objetivo é

determinado pela relação de um homem com seu ambiente externo, portanto deve necessariamente permanecer relativo; mas o dever subjetivo diz respeito apenas ao próprio homem e ao seu caráter. Tem a ver, não com sua ação, mas com seu motivo; com um princípio, não com seu modo de aplicação; portanto, pode haver uma lei abstrata comum a toda a humanidade. Ela pode ser resumida assim: “Aquilo que faz um homem esquecer seu pequeno ser pelos outros e o leva em direção ao seu Ideal é seu dever mais elevado.”

Não é possível, no entanto, alcançar este ideal subjetivo abstrato sem primeiro seguir o caminho dos deveres externos imediatos. Devemos começar cumprindo as obrigações que nos são mais próximas. Primeiro devemos cumprir nosso dever para com nossa família, nossa comunidade, nosso país; então, à medida que nosso coração cresce em compreensão e simpatia, somos gradualmente capazes de fazer nossa parte de bem a todos os seres vivos. Mas não podemos realizar este grande ideal e empreender as maiores tarefas da vida até que tenhamos nos provado realizando habilmente as pequenas que temos à mão; e não importa quão insignificantes ou desagradáveis possam parecer, são as únicas para nós. Como está dito no *Bhagavad-Gita*: “Melhor é o próprio dever, embora desprovido de mérito, do que o dever de outro, bem executado. Melhor é a morte ao seguir o próprio dever; o dever de outro é cheio de perigo.” Por quê? Porque nada pode ser ganho empreendendo um dever alheio.

Não devemos esquecer que o propósito da vida é a evolução. Todas as nossas condições e obrigações presentes são o resultado de nossas próprias ações passadas; e só à medida que as enfrentamos sabiamente, podemos alcançar as condições mais elevadas e ser confiados com maiores responsabilidades. Devemos nos mostrar dignos em nossa posição atual, então, quando tivermos ganhado coisas maiores, elas nos serão dadas. Podemos imaginar que poderíamos fazer melhor alguma outra tarefa do que a que está diante de nós; mas se ela fosse substituída pela nossa atual, muito em breve descobriríamos que não estávamos preparados para ela.

Nos estágios preliminares de nosso desenvolvimento espiritual, devemos perseguir fielmente o caminho do dever prescrito por nossa vida e condições; então nossa natureza se tornará tão expandida que todo sentimento de compulsão deixará de existir e toda tarefa nos parecerá um privilégio. Quando em todo o nosso trabalho somos movidos pelo amor, não por um senso de obrigação, então o dever se transforma em serviço e o realizamos espontaneamente, apenas pela alegria que encontramos em fazê-lo. Um senso de dever frequentemente implica limitação, porque brota de um sentimento de obrigação; mas no serviço damos livremente. Não há cálculo, nenhum pensamento de coerção.

O espírito de verdadeiro serviço, no entanto, nunca amanece no coração sem autoabnegação e desapego. Se quisermos fazer pelos outros,

devemos estar dispostos a esquecer nosso pequeno ser, nossos confortos físicos, nossa felicidade individual. Só quando todas as nossas ações são baseadas no princípio de trabalhar, não por resultados, mas através do amor, aprendemos a ajudar os outros verdadeiramente. Um digno amante da humanidade é como uma flor, que dá sua fragrância quer a coloquemos em nossa cabeça ou a pisemos sob nossos pés. Sua natureza é dar sem qualquer consideração por seu próprio ganho ou perda pessoal.

Conta-se a história de um homem santo na Índia que, indo um dia a um poço beber, encontrou um escorpião lutando na água. A visão tocou seu coração amoroso e, erguendo a pobre criatura do poço, ele a pressionou contra seu peito para aquecê-la e reanimá-la. Mas assim que o escorpião recuperou suas forças, ele o picou. O santo colocou-o gentilmente no chão e em um momento ele caiu de volta no poço. Esquecendo que ela lhe havia feito algum mal, ele a resgatou novamente e a segurou contra seu coração, mas o escorpião o picou como antes. Ainda uma terceira vez ele a tirou da água e lhe deu o mesmo cuidado amoroso, totalmente alheio ao mal feito a si mesmo. Ele havia alcançado um estado de consciência onde realizou o ideal pregado por Buddha e Cristo de amar até seus inimigos, pois todo amor-próprio havia se fundido no grande amor que abraça toda criatura viva.

O primeiro despertar na vida espiritual é marcado pelo despertar do sentimento pelos outros. Como lemos no *Gita*: “Aquele que olha para o prazer e a dor em todos os lugares com a mesma consideração que quando aplicado a si mesmo, esse é o mais elevado”; porque isso significa a ampliação de toda a natureza. Enquanto nossos interesses permanecerem confinados dentro do círculo de nosso pequeno ser, toda luta por um alcance mais alto é em vão. É por isso que todos os ensinamentos éticos e espirituais do mundo proclamam unanimemente a necessidade de cultivar a abnegação através da prática da caridade e da compaixão.

Quando servimos pelo simples fato de servir, quando amamos pela alegria de amar, quando agimos sem motivo egoísta, tornamo-nos caracteres ideais. Aqueles que são sinceros, de coração puro, verdadeiros amantes de seus semelhantes, nunca ferem ninguém por pensamento, palavra ou ação. Segundo o ensino védico: “Fazer o bem aos outros é a única virtude, ferir outro é o único vício.” Aquele que não fere nenhuma criatura viva por seus pensamentos, palavras ou ações é de fato um santo e um verdadeiro representante da religião, quer entre ou não em um local de culto.

Cada ato de nossa vida pode ser feito de tal maneira que nos eleve ou que nos arraste para baixo. Não é o que fazemos, mas como fazemos que determina o mérito de cada ação. Portanto, devemos aprender a viver e trabalhar com humildade, desapego, simpatia e amor altruísta. Quando todos esses são combinados em nossos esforços para servir a Deus e nossos

semelhantes, só então estamos servindo verdadeiramente. E tal serviço é o objetivo mais elevado da vida humana.

#### IV. PENSAMENTO CORRETO E O VIVER CORRETO

*Toda nossa dignidade consiste no pensamento. Por isso devemos elevar-nos, não pelo espaço ou pela duração que não podemos preencher. Façamos, então, do pensamento nosso estudo; pois este é o ponto de partida da moral.*

– Pascal.

*Os homens devem decidir o que não farão; então eles serão capazes de agir com vigor naquilo que devem fazer.*

– Mencius.

“A SÉRIEDADE é o caminho da imortalidade, o descuido é o caminho da morte. Aqueles que são sérios não morrem, aqueles que são descuidados estão como se já estivessem mortos. Se uma pessoa séria se despertou, se ela não é sem memória, se suas ações são puras, se ela age com consideração, se ela se controla e vive de acordo com a Lei, então sua glória aumentará.” Tais são as palavras de Buddha. É o pensamento que molda nosso caráter. De todos os fatores, é o mais poderoso na formação da vida e do destino humanos; e a menos que prestemos a devida atenção ao nosso pensamento, é impossível realizar qualquer coisa. Um homem pode trabalhar, pode lutar para alcançar algum fim, mas se ele não tem a compreensão correta, isto é, se ele não despertou a faculdade do pensamento correto, ele é como um barqueiro que rema com seus remos sem ter içado sua âncora. O barco não avançará. Da mesma forma, aqueles que não se despertaram do sono da ignorância, não importa o que tentem fazer, não terão sucesso.

O poder do pensamento correto deve ser despertado; esse é o primeiro passo. Todos nós pensamos; mas o pensamento é de dois tipos: – um tipo é construtivo, eleva o homem a grandes alturas; o outro é destrutivo, degrada e, em vez de ajudar, prova ser um grande obstáculo. No entanto, a mesma mente é usada para ambos. Está dito em um dos Upanishads: “Esta mente é a causa da escravidão e da liberação de todos os seres humanos. Se apegada ao mundo, ela se torna aprisionada; se libertada do mundo, isso é a liberdade.” Como é que a mesma mente pode desempenhar um papel tão duplo? Porque a mente pode descer ou pode subir, de qualquer maneira que escolhermos para dirigi-la. Ela está pronta para nos servir e nos conduzir adiante; e se a negligenciarmos, ela nos

prenderá e nos atrairá de volta para o plano bruto. Portanto, não podemos nos dar ao luxo de desconsiderar este fator importante; pois o pensamento correto é o volante desta grande máquina da vida humana e, a menos que ele gire adequadamente, a máquina não pode fazer nada. Pode até ser destruída; se não formos discriminativos, podemos cometer erros que provarão nossa ruína.

Nos *Upanishads*, este corpo foi comparado a uma carruagem, os sentidos são os cavalos, a mente são as rédeas, o intelecto é o cocheiro, e o Ser que habita dentro é o Senhor da carruagem. A menos que os cavalos sejam bem controlados e as rédeas estejam firmemente seguradas, a menos que o cocheiro seja inteligente, a carruagem pode ser atirada na vala e destruída. Mas se a faculdade discriminativa está desperta, isto é, se o cocheiro segue o caminho do pensamento correto, então ele tem controle perfeito tanto sobre os cavalos quanto sobre a carruagem.

Há pessoas que parecem ter controle completo sobre sua mente. O que lhes dá esse poder? Ele vem do pensamento correto e do viver correto, pois o pensamento correto e o viver correto andam juntos. Apenas o homem que vive da maneira correta, cujos pensamentos não o traem, cuja mente e fala são uma só, como Sri Ramakrishna disse, isto é, cujo pensamento interior e atividade exterior estão em perfeita harmonia: só ele será capaz de realizar grandes coisas. Ninguém pode fazer grandes coisas a menos que primeiro pense grandes coisas. Aqueles que têm ambições e tentam realizá-las passando por cima de seus semelhantes só podem atingir resultados efêmeros. Pensamento correto significa que não desejamos ferir ninguém; podemos querer progredir, mas não à custa de outro. Não pode haver nenhuma ideia egoísta nisso. Desejamos crescer apenas para que nosso crescimento prove ser uma ajuda para a humanidade. Ninguém pode realmente crescer quem pensa totalmente em si mesmo ou mesmo só naqueles que estão mais próximos dele.

A menos que tomemos toda a humanidade em consideração, nosso crescimento não pode ser de longo alcance; não podemos nos tornar grandes. Essa é a razão pela qual o primeiro princípio de todos os mestres religiosos tem sido não odiar ninguém, conquistar tudo através do amor; porque o amor é construtivo. Mesmo quando desejamos criar algo grande para nós mesmos, se tentarmos obtê-lo através do ódio, descobriremos que ele desmorona muito em breve, porque há um elemento destrutivo nele. Aqueles que buscam prejudicar seus semelhantes inevitavelmente encontram punição cedo ou tarde. A lei deste mundo os torna infelizes e eles serão infelizes no além, pois o além não é nada mais do que o resultado do que fazemos aqui. Não basta orar ou trabalhar por nossa própria felicidade e paz; não pode haver felicidade ou paz verdadeira a menos que ela circunde os outros. Todos estão relacionados conosco em espírito; e se odiamos alguém, estamos odiando algo que faz parte de nós mesmos. Esta

realização da unidade universal em espírito destrói o que chamamos de mal.

Por que é que pensamos tanto em posses terrenas, em riqueza e prosperidade, em todas essas coisas que começam e terminam com esta vida, enquanto mal damos um pensamento àquilo que é duradouro, àquilo que diz respeito à nossa alma? No entanto, posamos de seres humanos inteligentes. Se alguém entre nós tenta viver um tipo diferente de vida e aplicar o Evangelho da Verdade dado pelos Iluminados, pensamos que essa pessoa está fazendo errado. É pensar em Deus e na Verdade errado? É servir a um ideal elevado errado? Isso é uma superstição que devemos remover de nosso coração se quisermos progredir. Todos os pensamentos errôneos e enfraquecedores devem ser erradicados se quisermos avançar física, moral ou espiritualmente. Muitas vezes, tais pensamentos são colocados em nossas cabeças na infância, que devemos viver de uma certa forma e não fazer nada diferente daqueles com quem estamos associados. Se todos aqueles ao nosso redor fossem caracteres ideais, poderia ser certo para nós seguir seus passos. Mas nossa fome da alma é por algo mais e devemos ganhar isso.

Quando estudamos o ensinamento dos Vedas, descobrimos que ele insiste em uma coisa — ser e tornar-se. O homem deve tornar-se; ele deve tornar-se uno com a Verdade. Como? Ele deve primeiro despertar do sono da ignorância. Ele deve adquirir força. Um homem que é fraco não pode alcançar a Verdade, portanto, que ele seja forte. Ele não deve pensar que é um pecador, que nasceu em pecado e iniquidade. *Pelo contrário, ele deve sentir-se imbuído da ideia de que é um filho de Deus; que, embora possa ter cometido erros, ainda há esperança para ele porque é um filho de Deus.* O pensamento fortalecedor e elevador nos permite contrabalançar a fraqueza que é tão dominante em nossa natureza no presente.

Quando nossa mente está fixa em um ideal elevado e nos tornamos imbuídos dele, então nossas ações expressarão espontaneamente esse ideal.

Agora estamos constantemente com medo. De onde vem esse medo? É nossa natureza? Nossa natureza é a destemor, por que trazer para ela algo que é estranho? A Vedanta nos diz: Sacuda toda fraqueza, todo o medo. Um filho de Deus não deve ter medo de nada. Se você quer subir, torne-se forte. Mas você deve fazer isso por si mesmo e só pode fazê-lo pelo pensamento correto.

A mente é o instrumento pelo qual realizamos tudo. Nossa mente pensa — esse pensamento cria, e o que ela cria vemos na atividade externa de nossa vida. Portanto, devemos treinar esta mente. Não devemos deixá-la correr solta. Devemos restringi-la e usar a discriminação. O mundo se aproxima de nós sob duas formas, uma é agradável e a outra é boa. Uma apela para nossa natureza física e a outra para nossa natureza mais

profunda; mas essa natureza mais profunda não está desperta em todos. Há alguns que quase esquecem que possuem uma natureza superior ou que têm qualquer conexão com o Supremo. No entanto, a natureza superior está ali, latente dentro de seus corações; e quando eles apelam para essa natureza e tentam julgar tudo através da luz dessa natureza superior, ela é gradualmente despertada e toda sua atividade se torna dirigida por ela. Então eles não podem se desviar, não podem fazer nada errado.

À medida que desenvolvemos nossa consciência espiritual, pensamos e vivemos corretamente. Tudo o que nos aborda tomamos em seu verdadeiro valor e não como aparece. Nada pode nos enganar; portanto, não trabalhamos pelo que é falso e irreal. Há pessoas que trabalham fielmente, mas sentem o fardo da vida porque seu esforço não traz os resultados desejados. Por que isso? É porque seu esforço não é controlado pela discriminação; não é dirigido por um propósito que é definido e único. A sinceridade não vem até que tenhamos a faculdade superior da discriminação despertada dentro de nós. Só então pensamos conscientemente e não somos levados por caprichos passageiros. Se algo surge que nos atrai e desperta nosso desejo, não lutamos para ganhá-lo sem refletir se isso nos trará uma bênção ou não.

Os seres humanos não devem correr atrás de sombras. *Somos superiores aos animais justamente nisso, que temos o poder de discriminar*; e só à medida que o usarmos, aprenderemos o segredo do pensamento correto e do viver correto. Quando nossos pensamentos estiverem livres de impureza e da consciência do ser [inferior], nossa luz brilhará. Mas quantas vezes esquecemos isso e tentamos alcançar nossos fins egoístas, até mesmo por meios indignos. Acreditamos demais em coisas que são temporárias e negligenciamos o que é duradouro. Quando, no entanto, nossos pensamentos se tornam conectados com nossa natureza interior [superior], então não apenas a luz brilhará no reino espiritual que agora nos parece escuro, mas nossa vida aqui também será preenchida de clareza, retidão e destemor.

A vida religiosa não significa dedicar certas horas ao estudo da Bíblia ou de alguma outra Escritura sagrada; significa vida contínua de acordo com a lei superior. E em nenhum lugar encontramos isso ilustrado de forma mais marcante do que na vida hindu. Dizem que os hindus comem religião, bebem religião, dormem religião. Qual é o significado disso? Que eles não desejam viver sem Deus; que não querem ser separados por um único momento dessa consciência suprema. Eles acreditam que todas as suas ações, da menos importante à mais elevada, devem partir dessa única consciência central. Isto é o que precisamos aprender — que em todos os momentos devemos levar vidas exaltadas, que cada ato deve estar em harmonia com nossa natureza superior, que devemos servir nosso Ideal

mesmo ao custo de nossa vida. Tais caracteres são necessários, e podemos construí-los apenas pelo pensamento correto.

Não devemos nos fechar em um único conjunto de doutrinas e dogmas e acreditar que toda a Verdade espiritual está confinada neles. Segundo a Vedanta, a Verdade é propriedade comum de toda a raça humana; e quem quer que esteja desperto, quem quer que aplique a Verdade, quem quer que viva a vida, é um seguidor da Verdade, venha ele do Leste ou do Oeste. Uma flor é uma flor onde quer que cresça, e dá a mesma fragrância àquele que a pisa e àquele que a cultiva. Essa é a natureza que devemos desenvolver. Não devemos dizer: Esta pessoa não me agrada; eu não posso amar ou servir a ela. O homem comum faz isso. A flor não recusa sua fragrância a ninguém; ela dá o que tem para dar. Da mesma forma, nossa natureza superior deve ser tão desenvolvida que possamos sentir por todos e dar sem pedir nada. Quando isso acontecer, podemos verdadeiramente ser chamados de filhos de Deus. Então nossa religião não será meramente uma questão de credo ou Escritura, será uma realidade; e essa realidade é religião. A religião é baseada na realização. A menos que ela se tenha tornado real para nós, nenhuma quantidade de argumento ou raciocínio, nenhuma quantidade de observância de formas exteriores, pode nos trazer nada. Devemos viver a vida sem condenação ou denúncia. Devemos deixar nossa alma se manifestar em nós. Se temos um ideal, devemos deixá-lo crescer; e à medida que cresce, ele produzirá seu próprio efeito. O que precisamos, portanto, é cultivar nossa natureza espiritual e fazemos isso pelo pensamento correto. Não importa o que os outros possam pensar. Não há razão para que não pensemos da maneira correta, pois o que pensamos, isso refletimos. Se temos amor em nossos corações, enviamos ao universo uma corrente de amor que se une a uma corrente semelhante; mas se mantivermos pensamentos indignos, odiosos, eles voltarão para nós. Criaremos condições que nos serão odiosas e que colocarão em movimento forças das quais nos arrependemos depois, mas que não seremos capazes de resistir. Podemos evitar isso apenas pensando desde o início da maneira correta.

Nosso pensamento é a semente que determina o fruto de nossa ação. Se a semente é boa, então as flores e frutos que vêm da semente devem ser bons e devem provar ser benéficos para nós e para os outros. Mas se plantarmos em nossos corações uma semente venenosa, ela prejudicará não apenas a nós mesmos, mas a todos que entrarem em contato conosco. A vida humana é uma grande responsabilidade. Apenas um homem desatento dirá: Eu não posso evitar o que acontece, não sou responsável. Estamos constantemente influenciando a nós mesmos e a nossos semelhantes pelo que pensamos, porque nosso pensamento molda nossa natureza interior e irradiamos consciente ou inconscientemente o que somos. Sejamos vigilantes, então. Sejamos atenciosos em tudo o que

façamos. Sejamos fiéis ao nosso verdadeiro Ser; pois todas as bênçãos devem vir até nós, se nos mostrarmos fiéis à nossa natureza superior.

## V. O VALOR DO DESAPEGO

*O verdadeiro tesouro é aquele acumulado através da caridade e piedade, temperança e autocontrole. O tesouro assim acumulado é seguro e não se acaba.*

– *Ensinamentos de Buddha.*

*É trabalho de um músico harmonizar cada instrumento, mas de um homem bem-educado adaptar-se harmoniosamente a cada circunstância.*

– *Demophilus, o Pitagórico.*

*Como a força da árvore se mostra no fruto, assim a verdadeira força divina em um homem se mostra em suas boas obras e virtudes. 'Não há fé sem obras.'*

– *Jacob Boehme.*

A SERENIDADE de coração é alcançada quando todas as manchas são eliminadas de nossa natureza através da subjugação do ser [inferior]. Só quando conseguimos eliminar todas as impressões mundanas e não permitimos mais que nossa mente se apegue ao não-essencial, podemos alcançar a tranquilidade perfeita; e fazemos isso através da prática do desapego. Por essa razão o desapego forma um dos fatores mais vitais em nosso caminho espiritual. Para ganhá-lo, as pessoas se submetem a austeridades e sacrifícios rígidos. Mas estes nem sempre levam ao desapego. Frequentemente encontramos tanto apego em um mendigo quanto em um príncipe. Não é uma questão de muitas posses ou poucas. O desapego é uma qualidade da mente e tem muito pouco a ver com as condições externas. Através de um impulso momentâneo devido a circunstâncias infelizes, podemos romper com nossa associação e ambiente; mas mesmo fazendo isso, não somos capazes de romper o laço que nos liga a eles. *A renúncia externa das coisas terrenas não nos liberta do domínio que elas exercem sobre nossa mente.*

Geralmente imaginamos que sentimos apego apenas pelo que nos agrada, mas, na realidade, a aversão nos prende tanto quanto o desejo. Às vezes é ainda mais difícil nos libertarmos de impressões desagradáveis do que das agradáveis. Há certos erros, palavras precipitadas, atos indignos, que deixam um gosto ruim em nossa memória e gostaríamos de esquecê-los; mas parecemos impotentes para fazê-lo, porque nossa mente se apega

teimosamente a eles. Frequentemente, também, reconhecemos algo claramente prejudicial ao nosso progresso, mas somos incapazes de expulsá-lo de nosso pensamento.

Outro erro que frequentemente cometemos é supor que não pode haver nenhum amor verdadeiro sem forte apego. Na realidade, no entanto, eles são totalmente diferentes em natureza e produzem resultados contrários em nosso caráter. O apego contrai, o amor expande. O apego desperta todos os instintos egoístas mais baixos. Estamos apegados por causa da gratificação que isso nos traz, com apenas um pensamento secundário pela felicidade e bem-estar daquele a quem estamos apegados. O amor, por outro lado, nos faz absolutamente esquecidos de nosso próprio interesse ou satisfação e atentos apenas ao ser amado. Ele dá liberdade perfeita, enquanto o apego cria escravidão tanto para nós quanto para aquele para com quem nutrimos apego. O amor dá pela alegria de dar, o apego dá pelo retorno que pode vir.

Aqueles que têm uma compreensão perfeita da vida espiritual declaram que o apego em qualquer forma é um grande obstáculo; e se desejamos avançar no caminho espiritual, devemos praticar o desapego em relação a todas essas impressões mundanas, associações e posses às quais nos apegamos atualmente por pura força do hábito. Por isso, entretanto, entende-se uma prática interior e não um ato externo de renúncia. É uma questão de criar novas impressões na mente. Se nossas impressões atuais provaram ser insatisfatórias e hostis ao nosso progresso, então devemos tomar uma posição contra elas. Fazemos isso e nada mais. *Não devemos lutar contra elas, mas devemos começar a trabalhar e criar um conjunto totalmente novo de impressões.*

O ego é nosso maior inimigo na realização disso. Ele produz constantemente ilusão em nossa mente. No entanto, se ele nos for útil, não desejamos destruí-lo. O que queremos é remodelá-lo. Queremos uma forma melhor de ego. Esta é a ideia de toda disciplina. A única maneira de conquistar essa força sutil é manter-nos como a testemunha. Como ficaríamos na margem de um rio e veríamos a água passar, assim devemos observar todas as impressões passarem sem sermos perturbados por elas. A tendência comum é, quando alguém bate, bater de volta; mas este não é o caso de um homem de mente mestra. Não é que ele não tenha sensibilidade, mas essas coisas não o comovem; ele tem, por assim dizer, vestido uma armadura de fortaleza e calma.

A prática do desapego inclui dois processos distintos — retirar-se e interiorizar-se. Devemos retirar-nos de tudo o que retarda nosso desenvolvimento; então criar uma forte nova impressão espiritual voltando nosso pensamento para dentro. Atualmente somos todos escravos de certos hábitos; para superá-los, devemos cultivar outros hábitos, que com o tempo se tornarão tão dominantes que apagarão os

antigos. Todas as nossas tendências de ir para fora, que agora nos seguram, devem ser desapegadas do não-essencial e então trazidas para dentro. Mas isso só é possível através de conhecimento superior.

Se tentarmos usar violência com nossa mente por um súbito arrancar das velhas impressões, ela sofre; mas se primeiro adquirirmos um conhecimento correto do valor relativo das coisas, a própria mente as deixa sem qualquer dor. Primeiro analisemos, discriminemos e tentemos ver tudo em sua verdadeira luz; então, à medida que a mente gradualmente se desapega da impressão antiga, nós a voltamos para dentro e a fixamos em algum objeto espiritual. Ao fazermos isso, nosso coração torna-se cada vez mais livre do não-essencial e encontra seu deleite único em Deus.

## VI. TRABALHO E RENÚNCIA

*Entregue tudo a Ele, resigne-se a Ele e não haverá mais problemas para você. Então você saberá que tudo é feito pela vontade Dele. Viver no mundo ou deixá-lo depende da vontade de Deus. Portanto, trabalhe, deixando tudo para Ele. O que mais você pode fazer?*

– Sri Ramakrishna.

*Tens direito apenas ao trabalho, mas nunca aos seus frutos. Não sejas movido pelos frutos da ação, nem te apegues à inação.*

– Bhagavad Gita.

QUANDO alcançamos o conhecimento de Deus, a escravidão cai de nós assim como o fruto maduro cai da árvore. Mas se arrancarmos o fruto da árvore, ele não amadurece. Da mesma forma, quando nossos desejos não são realizados dentro de nós, se simplesmente os arrancarmos de nosso coração, o coração sangra. A renúncia nunca é possível dessa forma. No entanto, à medida que nossa compreensão se desenvolve e nós crescemos além das pequenas coisas deste mundo, assim como as crianças crescem além de seus brinquedos, nossos desejos caem por conta própria; não requer arrancar, não requer dor, não requer sofrimento. O desenvolvimento espiritual deve sempre ocorrer gradualmente. Não podemos forçá-lo. O primeiro passo na prática da renúncia é aprender a trabalhar sem apego egoísta. “A renúncia e a prática da ação, ambas levam à liberação”, diz Sri Krishna no *Gita*. “Apenas as crianças (os ignorantes) dizem, e não os sábios, que o caminho da sabedoria e o caminho do

trabalho são diferentes. Aquele que está verdadeiramente estabelecido em um obtém os frutos de ambos.”

Aquele que é um verdadeiro trabalhador atinge aquele ideal mais elevado que é alcançado por um homem de renúncia. O trabalho não é um obstáculo ao crescimento espiritual, como alguns imaginam; todos nós estamos trabalhando constantemente. Há uma energia represada dentro de cada um de nós que deve encontrar expressão. Se não soubermos como direcioná-la adequadamente, criamos mais e mais escravidão para nós mesmos; mas se entendermos como usá-la, então cada ato nos liberta e cria mais sabedoria, mais força e iluminação.

Devemos seguir o caminho da ação enquanto tivermos que lutar para subjugar a nós mesmos; quando tudo dentro tiver se tornado tranquilo, então podemos assumir a vida de contemplação. Primeiro é a batalha, depois a calma. Devemos todos lutar contra as várias forças que estão tentando nos derrubar. Uma e outra vez o desejo se levanta como uma tempestade e abala todo o nosso ser; só quando ele é conquistado podemos ganhar o estado de meditação necessário para alcançar a sabedoria.

Nossa ignorância dura enquanto nos confinamos à nossa natureza inferior e nos identificamos totalmente com ela. Mas quando adquirimos conhecimento Daquilo que é sem fim, ilimitado, perfeito, então naturalmente superamos todas as imperfeições e as pequenas tendências mesquinhas que criam escravidão caem de nós. É o homem pequeno que se torna ciumento de outro, invejoso de outro, que tenta promover seu próprio interesse prejudicando o outro. À medida que ele cresce em sabedoria espiritual, sua natureza se desenvolve, sua consciência se expande, até que o universo inteiro se torna sua morada e toda a humanidade sua família. Isto é o que se entende por renúncia. Não significa desistir de coisas externas; significa desistir da limitação e permitir que a alma expanda seu círculo. Não abandonamos nada, apenas vivemos e atuamos em um círculo maior. Respiramos mais livremente, desfrutamos mais livremente, damos mais livremente.

Aquele que conquistou seu ser inferior por seu Ser superior está sempre autocontrolado e de mente serena, pois seu Ser superior nunca é afetado pelas dualidades. É o mesmo no prazer ou na dor, na honra ou na desonra; permanece sempre tranquilo e imóvel. Tal homem alcançou a liberdade. Nada pode derrubá-lo. Liberdade, no entanto, não é licença. Somos livres quando nada pode nos derrubar; quando toda a nossa natureza está sob nosso controle; quando somos o mestre do corpo, sentidos, mente e vontade; quando sabemos que somos o Ser imutável. Aquele cujo coração está cheio desse conhecimento do Espírito tem igual consideração por amigos e inimigos, por benfeitores e malfeitores, pelos justos e pelos injustos. Como então ele pode odiar qualquer criatura, como

pode encolher-se diante de alguém, quando para ele tudo é uma Suprema Realidade? Esta é a base da fraternidade dos homens que Cristo ensina; por essa realização apenas podemos nos conectar com todos os homens.

Não importa qual seja nossa linha de atividade, devemos manter este fio e segui-lo; pois se perdermos isso, então não teremos nada para nos apoiar. O caminho da sabedoria, do trabalho, da devoção, da meditação, o objetivo final de todos estes é apenas um e esse um é o Senhor Supremo que existe em toda parte. Ele está em nosso trabalho e Ele está também em nosso descanso. Ele habita em cada coração. Ele está fora bem como dentro. Quando O realizamos, então este mundo não pode mais nos enganar, pois sentimos-nos conectados com Aquele em Quem tudo existe e encontrando a Quem, não podemos perder nada.

## VII. O ESPÍRITO DE CONSAGRAÇÃO

*O que quer que faças, o que quer que comas, o que quer que ofereças como oblação, o que quer que dê e as austeridades que praticares, faze isso como uma oferenda a Mim. Assim ficarás livre dos laços da ação.*

– Bhagavad-Gita.

*Aquele cujas obras procedem de si mesmo, presta pouco bom serviço a Deus; enquanto aquele que se deixa guiar pelo Espírito Santo, realiza grandes obras mesmo em pequenas ações.*

– John Tauler.

SEM um espírito de consagração, nossa vida deve invariavelmente permanecer improdutiva. Não é que não trabalhamos ou que não tentamos fazer o bem, mas erramos nosso alvo; porque todos os nossos pensamentos e ações, para darem fruto real, devem ser apoiados por algo superior ao nosso eu físico. Por essa razão, os homens sábios têm o hábito de se consagrarem em tudo o que empreendem. Há duas maneiras de fazer tudo – uma, com pequenos fins pessoais em vista; a outra, com o fim maior do bem universal. Cada coisa feita pode ser consagrada ou profanada. Um objetivo egoísta profanará até o mais belo ato. Vemos, portanto, que todo este campo de trabalho proporcionado para nosso desenvolvimento não é em si mesmo bom ou mau. É bom, se nos leva em direção ao nosso objetivo; é mau, se nos faz perder nossa meta. Não podemos continuar girando com a roda da vida sem rumo. Devemos aprender a seguir nossos instintos

superiores e não nos distrairmos com as vozes do mundo. Devemos cultivar um verdadeiro espírito de consagração.

Este mundo seria um lugar muito diferente se todos nós vivêssemos de acordo com nosso Ideal; ou quando formamos o hábito de nos consagrar em cada pensamento e ação, uma atmosfera exaltada de amor altruísta é criada, que nos cerca onde quer que estejamos. Toda a inquietação do coração cessa quando nosso Ideal preenche completamente nossa vida; porque não resta espaço para pequenas preocupações triviais. Portanto, os sábios, em vez de fazerem um conjunto fixo de regras para nós, apenas nos pedem para oferecer tudo ao Senhor. Quando nos entregamos totalmente a Deus e O fazemos nosso objetivo constante, não precisamos de nenhum exercício especial. A única coisa necessária é começar com algum pensamento elevado e pensá-lo novamente e novamente, até que finalmente nos movamos e tenhamos nosso ser naquele único pensamento. Isto é o que se chama ter um Ideal.

Se aprendermos a viver nossa vida com um genuíno senso de consagração, achamos desnecessário calcular e planejar; porque nossa vontade individual trabalha naturalmente em unidade com a Vontade universal e nos movemos em perfeita harmonia com o grande plano cósmico. É sempre perigoso quando confiamos em nosso pequeno ego. Devemos aprender a andar com Deus e depender apenas Dele. Quando aprendemos isso, podemos continuar fazendo o que estamos fazendo agora, mas o faremos com consagração. Embora nossas mãos e pés, nossos sentidos e mente continuem ativos, eles trabalharão com um novo propósito, porque estão conscientemente conectados com a Fonte.

Atualmente podemos não ter gosto pelas coisas espirituais, porque formamos o hábito de ansiar pelas coisas deste mundo; então as coisas espirituais não nos agradam. Mas devemos tentar cultivar outro gosto. Como formamos o hábito dos desejos mundanos, assim devemos formar um novo hábito espiritual. Vivemos por tanto tempo em estreito contato com o mundo físico que ele apenas parece real e importante, enquanto o mundo espiritual é vago e sem importância para nós. Mas se quisermos tentar conhecer mais daquele reino desconhecido, começaremos a sentir sua realidade e nossa vida será transformada. Então, quando a desgraça ou até mesmo a morte nos alcançar, não ficaremos transtornados nem esqueceremos nosso Ideal.

Este é o propósito de toda prática espiritual – nos fortalecer contra os momentos de prova e nos capacitar a ficar firmes, para que não percamos nosso ponto de vista superior e nos desviemos do caminho. Quando somos capazes de tornar Deus uma Presença viva em nossa vida, então Sua luz derramará seu brilho mesmo nas horas de escuridão e tristeza. Esta consciência viva da Presença, no entanto, não pode ser forçada. O véu deve cair de nossa mente. Não devemos nos deixar intoxicar

por influências nocivas do mundo, mas devemos abrir-nos totalmente à influência mais poderosa de Deus. Nada nos ajuda a fazer isso tanto quanto o espírito de consagração. Mas nunca devemos falar disso. É algo a ser expresso silenciosamente, como a flor que se abre em silêncio e é despercebida; mas aquele serviço silencioso e duradouro a Deus gerará um poder mais potente do que qualquer força material que conhecemos.

Busquemos humildemente nosso Ideal e sirvamo-Lo em cada pensamento, palavra e ação. Não podemos formar um Ideal absoluto com a mente finita; mas nosso Ideal crescerá e gradualmente se tornará vasto e abrangente, à medida que a Divindade sem limites dentro de nós for capaz de manifestar mais e mais de Sua grandeza. Quando Ele preencher todo o nosso coração, toda a mesquinha, ignorância e busca pessoal desaparecerão; e, em vez de nos considerarmos grandes por autoimportância, nos sentiremos grandes apenas Nele. Nunca esqueçamos que sem Sua força somos fracos, sem Seu apoio temos certeza de tropeçar; mas que se nos voltarmos para Ele sempre que tivermos necessidade de ajuda, Ele nunca deixará de nos tirar das trevas e preencher nossa mente tateante com a luz do entendimento.

Quanto mais cedo nos voltarmos para Deus, melhor será para nós; porque à medida que atrasamos, retardamos nossa evolução e crescimento. Ele é a própria essência de nosso ser, nosso único Lugar de Repouso, nosso único Guia e Protetor seguro. Quando percebemos isso e nos oferecemos em completa entrega a Seus pés, então Ele tomará nossa vida, a abençoará, a consagrará e a encherá de beleza divina e santidade.

